

PROPÓSITO COMUNICATIVO EM ANÁLISE DE GÊNEROS¹

Bernardete Biasi-Rodrigues²
Benedito Gomes Bezerra³

Resumo: Com base na teoria de gêneros conhecida como Escola Britânica ou abordagem sociorretórica, o objetivo deste trabalho é discutir o conceito de propósito comunicativo, visto como critério relevante para o estudo dos gêneros. A discussão concentra-se na definição de propósito comunicativo conforme apresentada por Swales (1990) e posteriormente revisada por Askehave e Swales (2001) e Swales (2004), em que se discute o uso do propósito não como critério imediato para a identificação do gênero, mas, em função de uma análise fundamentada no entorno social, como descoberta resultante do próprio processo de análise. Encarando-se o propósito comunicativo desta forma, procura-se estabelecer procedimentos seguros para o reconhecimento do status do gênero ao final da investigação, sem deixar de manter a relevância do conceito como critério de análise.

Palavras-chave: Gênero. Propósito comunicativo. Análise de gêneros.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é discutir o conceito de propósito comunicativo, adotado por muitos pesquisadores no Brasil e no mundo como um critério relevante para o estudo dos gêneros. O aporte teórico que utilizamos se insere no campo da Análise de Gêneros na abordagem sociorretórica e a discussão que propomos gira em torno da definição de propósito comunicativo conforme concebida por Swales (1990), pontuada na idéia de que os gêneros realizam propósitos, embora nem sempre de fácil identificação, e na posterior revisão do conceito por Askehave e Swales (2001) e Swales (2004), em que se discute o uso do propósito não como critério imediato na identificação do gênero, mas, em função de reanálises e dos entornos sociais, como “repropósito” (*repurposing*), neologismo que se pode interpretar como retomada e confirmação do propósito. Este seria, então, segundo os autores, uma

¹ Em parte, este ensaio retoma considerações feitas por Bezerra (2006).

² UFC, Professora adjunta, Doutora em Linguística – †31/10/2011.

³ UPE, Professor Adjunto, doutor em Linguística. Email: beneditobezerra@yahoo.com.br.

ferramenta mais segura para reconhecer o status de um gênero, ao final da investigação, sem deixar de manter a relevância do propósito comunicativo como critério de análise.

Portanto, levamos em consideração tanto a proposta original de Swales (1990), de que o propósito comunicativo seria um “critério privilegiado” para a identificação de gêneros textuais, como as críticas posteriores ao uso do conceito como critério apriorístico de abordagem dos gêneros. Contudo que se evite uma postura simplista com respeito à noção, acreditamos, com Bhatia (2004), que os propósitos comunicativos continuam tendo um papel fundamental a desempenhar na análise de gêneros.

De fato, o que se tem verificado em vários experimentos de análise dos gêneros textuais⁴ é que, muitas vezes, se reconhece à primeira vista um propósito do gênero, de caráter mais geral, que permite reunir um conjunto de práticas desse gênero numa mesma classe. Depois, num olhar mais atento, alguns propósitos específicos vão levando o pesquisador a fazer reagrupamentos e a identificar modalidades/variantes do mesmo gênero ou, até mesmo, subversões do propósito e do gênero, como acontece frequentemente na esfera da publicidade, por exemplo.

Neste trabalho, apresentamos, então, um resumo analítico das contribuições teóricas de Swales para entender o papel do propósito comunicativo no reconhecimento dos gêneros, desde a sua concepção inicial, como um critério bastante privilegiado na caracterização de um gênero, passando pela sua reformulação mais recente.

2 PROPÓSITO COMUNICATIVO: CENTRALIDADE E DEFINIÇÃO

Para diversos pesquisadores, a noção de propósito comunicativo apresenta-se como um dos conceitos centrais para a compreensão da construção, interpretação e uso dos gêneros, mesmo quando nem todos

⁴ Para uma discussão sobre pesquisas que tomaram o propósito comunicativo como critério relevante para a análise de gêneros, consultar Biasi-Rodrigues (2007).

os estudiosos se utilizam dessa terminologia. Assim é que Miller (1984), representando o ponto de vista da nova retórica, enfatiza que os gêneros devem ser definidos preferencialmente pela ação retórica que realizam, e não por sua forma ou substância. Estabelecendo uma definição que nortearia todo o trabalho da chamada Escola de Sydney, Martin afirma que os gêneros são “uma atividade gradativa, direcionada para um objetivo e dotada de um propósito, na qual, como membros de uma cultura, os falantes se engajam” (1984, p. 25).

Na perspectiva baseada na obra de Swales (1990, p. 58), o gênero “compreende uma classe de eventos comunicativos cujos membros compartilham certo conjunto de propósitos comunicativos”. Conforme ressaltam Kay e Dudley-Evans (1998, p. 308), tanto para Martin como para Swales, é o propósito comunicativo que realmente faz surgir o gênero, “moldando a estrutura ‘esquemática’ ou ‘começo-meio-fim’ do discurso e influenciando nas escolhas de conteúdo e de estilo”.

Ainda nessa perspectiva, Bhatia (1993, p. 13) considera que, em sua natureza e construção, o gênero “é caracterizado essencialmente pelo(s) propósito(s) comunicativo(s) que pretende realizar”, embora seja influenciado também por fatores tais como conteúdo, forma, audiência, meio ou canal. Na opinião de Bhatia, a relação entre gênero e propósito comunicativo é tão próxima e central que se pode conceber o gênero como “um exemplo da realização bem-sucedida de um determinado propósito comunicativo, utilizando o conhecimento convencionalizado de recursos linguísticos e discursivos” (1993, p. 16). Dessa forma, mudanças mais radicais nos propósitos comunicativos podem resultar na construção de gêneros diferentes. A manifestação de um propósito comunicativo comum não implica, naturalmente, uma rigidez estrutural na construção dos gêneros. A maleabilidade em si, traço constitutivo da produção e circulação dos gêneros, não invalida a sua identificação através de propósitos comunicativos específicos. As variações verificáveis em textos que pertencem ao mesmo gênero podem ser entendidas a partir da noção de prototipicidade proposta por Swales (1990, p. 49).

Mas o que realmente se quer dizer com o termo “propósito comunicativo” (*communicative purpose*)? Seria ele equivalente a noções como função ou intenção (do texto ou do autor), por exemplo, ou corresponde mais proximamente a conceitos como objetivo, meta e finalidade?

Na definição das características que podem identificar um gênero como uma classe de eventos comunicativos, Swales (1990) concebe um evento como uma situação em que a linguagem verbal, constituída do discurso, dos participantes, da função do discurso e do ambiente onde o discurso é produzido e recebido, tem um papel significativo e indispensável. A característica mais importante, nessa concepção, é a de que os eventos comunicativos partilham um ou mais propósitos comunicativos, embora estes possam não estar manifestos explicitamente ou possam não ser facilmente identificados. Como há gêneros que atendem a conjuntos de propósitos comunicativos, como, por exemplo, um programa de notícias, que pode tanto informar e orientar como formar a opinião pública, a identificação do propósito do gênero torna-se um ponto conceitual problemático. Porém, na sua versão inicial do conceito, Swales (1990) sustenta a posição de que o propósito comunicativo é o critério de maior importância no reconhecimento de gêneros e, ao definir gênero, fica evidente a relevância que dá ao propósito comunicativo:

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros *compartilham um certo conjunto de propósitos comunicativos*. Esses propósitos *são reconhecidos pelos membros especializados* da comunidade discursiva original e desse modo passam a *constituir a razão subjacente ao gênero*. A razão subjacente *delimita a estrutura* esquemática do discurso e *influencia e restringe as escolhas de conteúdo e estilo*. O *propósito comunicativo é um critério privilegiado* que opera no sentido de manter o escopo do gênero, conforme concebido aqui, estreitamente ligado a uma ação retórica comparável (SWALES, 1990, p. 58, grifos nossos).

Portanto, o conceito de propósito comunicativo, em sua concepção original, é o critério privilegiado na definição de gênero,

embasa o gênero e determina não somente a sua forma, mas também as escolhas relativas ao conteúdo e ao estilo. Isso quer dizer que o gênero se mantém focalizado em uma determinada ação retórica graças aos propósitos comunicativos. Além disso, ao elencar as características constitutivas de uma comunidade discursiva, Swales (1990) cita em primeiro lugar o conjunto de objetivos públicos comuns. Para o autor, o fato de os objetivos ou interesses da comunidade serem normalmente compartilhados por seus membros é também o critério mais importante para identificar uma comunidade discursiva.

Atribuir ao propósito comunicativo o papel de critério privilegiado na constituição dos gêneros implica pressupor que, “a não ser por alguns casos interessantes e excepcionais, os gêneros são veículos comunicativos para a realização de *objetivos (goals)*” (p. 46). Também em Askehave e Swales (2001), encontramos a conceituação de gêneros como “*orientados para objetivos ou dotados de propósitos (goal-directed or purposive)*”. Essa mesma orientação é adotada por Atkinson (1999). Central na argumentação desses autores, entre os quais ainda se poderia citar Bhatia (1997b) e Johns (1997), entre outros, é a premissa de que os gêneros são sempre utilizados para *realizar* alguma coisa no interior das mais diversas formas de práticas sociais. Nesse contexto, a noção de propósito comunicativo é apresentada como parte de uma concepção funcional de gêneros, por oposição a uma visão meramente formal. Entretanto, o termo *função* não é utilizado nem tomado como equivalente a propósito comunicativo (ASKEHAVE; NIELSEN, 2004).

Neste sentido, o propósito comunicativo tem a ver exatamente com aquilo que os gêneros realizam na sociedade, admitindo-se, porém, que o propósito de um gênero não é necessariamente único e predeterminado. No conjunto de propósitos comunicativos realizados por um gênero, haverá propósitos específicos ou “*intenções particulares*” de certos atores sociais, sejam eles os produtores do gênero ou os controladores de sua produção e circulação, como no caso dos gêneros da mídia, por exemplo, ao lado dos propósitos “socialmente reconhecidos” (BHATIA, 1993, 1997b).

O propósito comunicativo, portanto, não será algo simplesmente imanente no texto como tal, visto que se trata sempre de um processo de construção social desse propósito ou propósitos, nem será uma realidade meramente psicológica, definível como “intenção do autor”, pois seria imperativo questionar essa onipotência do autor sobre o texto e sua recepção na sociedade. Por outro lado, reconhecendo-se que os gêneros, inseridos como são em complexas práticas sociais, não são produzidos de forma neutra e desinteressada, é bem possível falar de intenções públicas e intenções escamoteadas, como o faz Bhatia (1993, 1997b), referindo-se aos objetivos dos produtores ou “controladores” da produção de gêneros em domínios como a mídia, por exemplo. “Intenções”, portanto, de atores e grupos sociais, e não dos textos em si, o que não implica uma concepção meramente psicologizante de propósito comunicativo.

Dentro disso, compreende-se a reticência de Swales (2004, p. 68) em admitir a viabilidade de se analisar tais “intenções particulares” como fenômeno psicológico. Para ele, deve-se ressaltar a dimensão *social* dos propósitos comunicativos. Curiosamente, o exemplo do gênero carta de recomendação que Swales trabalha em seguida aponta para propósitos comunicativos essencialmente “particulares”, ao lado dos propósitos socialmente reconhecidos, sejam lá quais forem. De modo que, conforme Swales, “talvez pudéssemos concluir que esses propósitos na verdade são múltiplos” (2004, p. 71).

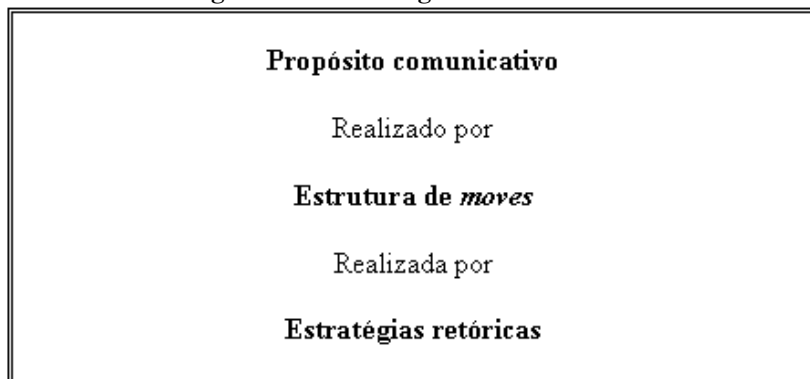
De toda forma, essas intenções “particulares”, que não correspondem univocamente ao conceito de propósito comunicativo, de fato existem lado a lado com os propósitos “socialmente reconhecidos”, e poderão ser mais ou menos bem sucedidas na realização de um dado exemplar de gênero, mas diversos outros fatores deverão ser considerados. Um deles seria: até que ponto o artefato genérico efetivamente construído efetivamente corresponderá à intenção psicológica de seu autor? Outro aspecto a considerar é que fatores contextuais e até o suporte dos gêneros podem interferir na apropriação dos propósitos comunicativos “intencionados”. Por exemplo, o que dizer do propósito comunicativo de um soneto quando este é retirado de

um livro de poesia e transportado para um livro didático, sendo utilizado como base para um exercício de compreensão textual ou para a exemplificação das características de algum estilo literário? Um documento histórico como a Carta de Pero Vaz de Caminha, ao ser lida hoje, terá o mesmo propósito que teve ao ser redigida?

3 PROPÓSITO COMUNICATIVO E ESTRUTURA ESQUEMÁTICA DO GÊNERO

De acordo com a teoria de gêneros desenvolvida por Swales (1990), o propósito comunicativo de um gênero é realizado através de um determinado número de *moves* (ou unidades retóricas, como o termo tem sido traduzido no Brasil), que são responsáveis por conferir ao gênero a sua “estrutura cognitiva típica” (BHATIA, 1993, p. 30). Nos termos de Swales (2004, p. 228), *move* é “uma unidade discursiva ou retórica que realiza, dentro do discurso escrito ou falado, uma função comunicativa coerente”. Embora possa ser sinalizada por traços gramaticais, essa unidade retórica não se identifica necessariamente com um período gramatical, enunciado ou parágrafo claramente delimitados. Os *moves* são altamente “flexíveis em termos de sua realização linguística” (SWALES, 2004, p. 229).

Figura 1 – Teoria de gêneros tradicional:



Fonte: Askehave; Nielsen (2004, p. 4).

Se o propósito comunicativo é realizado pelos *moves* ou unidades retóricas, estes, por sua vez, seriam realizados por diferentes estratégias retóricas, combináveis entre si. Swales (1990) denominou essas estratégias retóricas de *steps*. É precisamente assim que Askehave e Nielsen representam o que elas chamam de “modelo tradicional de análise de gêneros”:

Para as autoras, os gêneros seriam realidades “altamente estruturadas e convencionadas”, de modo que “o principal reflexo linguístico do propósito comunicativo está na *estrutura gradativa* através da qual o texto de um determinado gênero se desenvolve” (ASKEHAVE e NIELSEN, 2004, p. 5). Embora essa concepção de gênero seja, em princípio, demasiadamente formalista, também aí se admite que os gêneros não necessariamente contêm um conjunto fixo de unidades retóricas obrigatórias, mas que possivelmente selecionam seus elementos estruturais a partir de um “repertório comum de *moves*”. De toda forma, salienta-se aí o papel central atribuído ao propósito comunicativo em conexão com a “estrutura esquemática” do gênero. Se a estrutura serve para realizar o propósito, então a forma está a serviço da funcionalidade.

4 PROPÓSITO COMUNICATIVO COMO CRITÉRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE GÊNEROS

Depois do lançamento de *Genre Analysis: English in academic and research settings* (SWALES, 1990), Swales foi modificando aos poucos a base de sua teoria e priorizando o contexto, ou seja, os participantes e os elementos da situação que geram os textos pertencentes a um gênero. Diante da dificuldade de precisar o conceito de propósito comunicativo e especialmente diante da dificuldade de, muitas vezes, identificar claramente os propósitos de um exemplar de gênero, passa a discutir as limitações do conceito.

Em sua obra mais conhecida, Swales (1990) tinha simplesmente assumido o conceito de propósito comunicativo como “critério privilegiado” e “prototípico” para a identificação dos gêneros, sem desenvolvê-lo exaustivamente. Mais recentemente, Swales (2004) retoma

o conceito a partir da discussão apresentada em Askehave e Swales (2001), em que a noção de propósito comunicativo é submetida a uma profunda reformulação. Na referida obra, os autores verificam que os propósitos comunicativos frequentemente são “mais evasivos, múltiplos, intrincados e complexos do que foi originalmente imaginado” (ASKEHAVE e SWALES, 2001, p. 197).

Sendo menos visível do que a forma, o propósito comunicativo dificilmente servirá como um critério absolutamente dado para o reconhecimento de um gênero. Além disso, os autores consideram que os membros de uma comunidade discursiva, embora tenham grande conhecimento dos gêneros, podem não estar absolutamente de acordo com o propósito de um determinado gênero e reorientar a sua finalidade.

Em nome do propósito comunicativo, o analista não deverá deduzir uma identificação de gêneros apriorística e dogmática, pois somente a investigação mais apurada, incluindo “o contexto em que o texto é usado” (p. 203), poderá conduzir a uma descrição realista dos propósitos de um texto. O propósito comunicativo se encontra, portanto, não no início da análise, mas “ao se completar o círculo hermenêutico” (p. 210). Assim, o propósito comunicativo é mantido como ferramenta analítica, não de forma predominante ou evidente, mas como um critério privilegiado em função do resultado da investigação sobre o gênero.

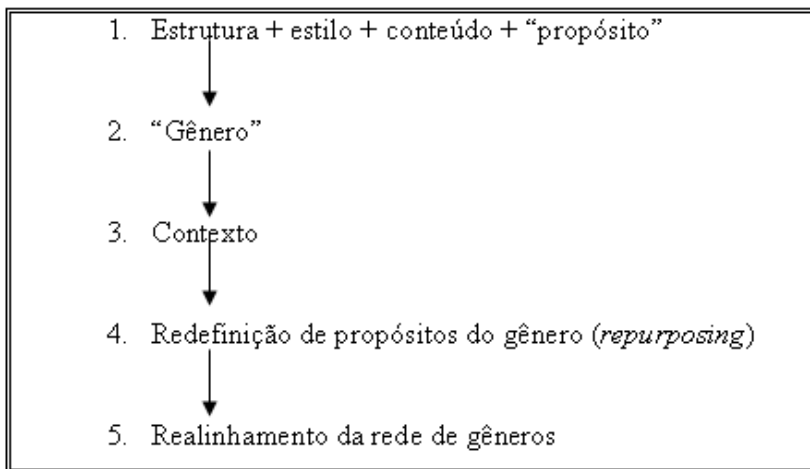
Nesse sentido, Askehave e Swales (2001, p. 200) apresentam três razões por que o conceito de propósito comunicativo pode ser produtivamente utilizado na análise de gêneros:

- a) O propósito comunicativo pode ter um “valor heurístico” como porta de entrada para a melhor compreensão de um *corpus* de textos;
- b) Pode ajudar a mostrar que os discursos eventualmente são multifuncionais;
- c) Pode ser usado para desqualificar o status de gênero atribuído a certos domínios discursivos, tais como o “economês”, às vezes baseados apenas na rotulação de certos registros.

A partir dessas reflexões, os autores propõem dois procedimentos para a identificação de gêneros: um textual/linguístico e um contextual (ASKEHAVE e SWALES, 2001). Na execução do procedimento textual/linguístico, o propósito comunicativo é examinado juntamente com a forma do gênero, o estilo e o conteúdo. Em uma etapa posterior, o propósito é tomado como um fator na redefinição (*repurposing*) do gênero. No procedimento contextual, por sua vez, o propósito comunicativo mantém a sua relevância na identificação do gênero, mas as outras etapas no processo de análise constituem-se da identificação da comunidade, seus valores, suas expectativas e seu repertório de gêneros, além do levantamento dos traços peculiares desses gêneros.

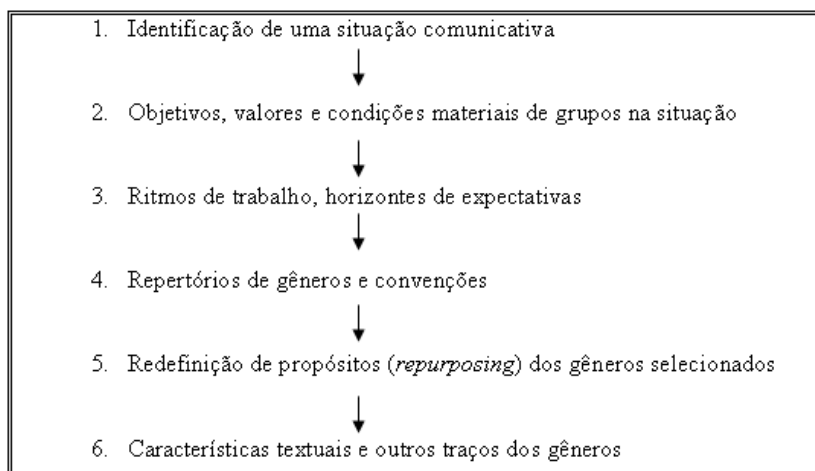
Ambos os procedimentos valorizam o dinamismo dos gêneros e caracterizam, assim, a redefinição do papel do propósito na análise de gêneros. Por isso, os autores argumentam que, ao invés de fazer um estudo centrado no texto, o analista precisa investigar extensivamente o texto em seu contexto, com uma metodologia de modalidades múltiplas, conforme representada nas figuras 2 e 3, encontradas em Askehave e Swales (2001) e retomadas em Swales (2004).

Figura 2 – Procedimento de análise de gêneros a partir do texto:



Fonte: Swales (2004, p. 72).

Figura 3 – Procedimento de análise de gêneros a partir da situação:



Fonte: Swales (2004, p. 73).

Dentro dessa nova abordagem ao propósito comunicativo, Swales (2004) propõe que uma investigação de gêneros “a partir do texto” deveria realizar-se de acordo com os seguintes passos:

Ao colocar os termos “propósito” e “gênero” entre aspas, Swales quer expressar seu “status ‘operacional’ provisório” (p. 72). Ambos os conceitos seriam categorias em aberto até o final da análise, quando as implicações dos achados levariam, a partir da consideração do contexto, à redefinição dos gêneros quanto aos seus propósitos, o que por sua vez poderia resultar no realinhamento dos gêneros em termos de rede ou hierarquia.

Segundo a argumentação de Swales, um procedimento “a partir da situação” (ver Figura 3), alternativamente ou em combinação com o modelo “a partir do texto”, ambos incluindo o conceito de “redefinição de propósitos” (*repurposing*), dariam suporte “a uma orientação que reconhece que conjuntos de textos ou escritos podem não estar fazendo o que parecem fazer, ou o que tradicionalmente se pensou que fizessem” (SWALES, 2004, p. 73). Em outras palavras, conforme o autor, os propósitos sociais são dinâmicos, e tanto podem se expandir como se retrair.

Tanto o procedimento textual como o contextual incluem a retomada ou confirmação do propósito comunicativo do gênero e, por isso, Swales (2004) sugere que o “repropósito” do gênero seja feito ao final do processo de análise, considerando que o reexame atento dessa estratégia discursiva possibilitará completar o círculo hermenêutico do processo (cf. ASKEHAVE; SWALES, 2001).

Acrescente-se a isso que o uso da ferramenta de análise denominada de “repropósito do gênero”, não deveria ser uma tarefa limitada à observação do analista, ou seja, a confirmação do propósito comunicativo de um gênero será mais seguramente alcançada se o pesquisador criar condições para, pessoalmente, colher informações dos sujeitos produtores e consumidores dos gêneros, especialmente de membros experientes das comunidades discursivas de que participam.

Dessa forma, somente podemos falar de “identificação” de gêneros com base em seu propósito comunicativo a partir de uma análise mais ampla, nunca como uma categorização a priori. Conforme alertam Askehave e Swales (2001, p. 200), mesmo quando um texto parece apresentar explicitamente seu propósito comunicativo, como na carta de um banco alegando que “o propósito desta carta é informá-lo que sua conta excedeu o limite de crédito”, seria bastante precipitado, ou ingênuo, tomar um enunciado assim ao pé da letra.⁵ Nos termos de Swales, “pareceria sensato abandonar o propósito social como um método rápido ou imediato de se classificar os discursos em categorias genéricas, mas retê-lo como um valioso resultado de análise a longo prazo” (2004, p. 72).

Um exemplo controverso de análise de gêneros provavelmente induzida por uma definição apriorística do propósito comunicativo é bem representado pelo estudo que Bhatia (1993) fez de cartas de *promoção de vendas* e cartas de *candidatura* ou *inscrição para empregos*. De acordo com a análise do autor, uma olhada para o propósito comunicativo de ambos os

⁵ Por outro lado, o exemplo citado corrobora a ênfase de Bhatia (1997b, 2004) nas “intenções particulares” que compõem os propósitos comunicativos do gênero, ao lado de seu propósito “socialmente reconhecido”, embora aquela ênfase seja objeto da crítica de Swales noutro lugar (SWALES, 2004).

tipos de cartas revelará que elas têm em comum o fato de se destinarem a “promover alguma coisa” (p. 59), seja uma mercadoria ou serviço, seja a própria pessoa do candidato ao emprego. Esse raciocínio, preso a uma definição de propósito comunicativo em um nível muito geral, e estendido aos pormenores da estrutura retórica dos gêneros, levou Bhatia a virtualmente identificar os dois tipos de carta como sendo o mesmo gênero. Embora haja semelhanças inegáveis, sugeridas até pela designação básica de “carta” para ambos os gêneros, isso não invalida o fato de que se trata de dois artefatos bastante diferentes. Mais tarde, Bhatia (1997b) passou a desenvolver o conceito de *colônia de gêneros* para dar conta do fenômeno, como veremos.

5 A COMPLEXIDADE DOS PROPÓSITOS COMUNICATIVOS

No seu livro *Research genres: explorations and applications*, Swales (2004) retoma esse redimensionamento do papel do propósito comunicativo e, com base em sua própria pesquisa sobre cartas de recomendação, conclui que é uma tarefa difícil identificar o propósito de um gênero. Uma das razões dessa dificuldade é o fato de haver múltiplos propósitos comunicativos que, em dadas circunstâncias de uso dos gêneros, não são evidentes à primeira vista.

O autor corrobora a experiência comum a todos os analistas de gênero: em muitos casos, a definição ou identificação de propósitos comunicativos não é uma tarefa tão fácil ou simples como pode aparentar ser. No tribunal, o interrogatório de testemunhas, por exemplo, só aparentemente tem o propósito de “esclarecer os fatos”. Na verdade, tanto o advogado como o promotor de justiça elaboram meticulosamente suas perguntas com o objetivo de controlar as respostas que as testemunhas darão, conforme estas lhes sejam favoráveis ou desfavoráveis. Por isso, conclui Swales, “não será incomum encontrar gêneros dotados de *conjuntos* de propósitos comunicativos” (1990, p. 47), ao invés de um único propósito, inequivocamente identificável.

Em consonância com isso, a partir da análise de gêneros como construtos retóricos surgidos em contextos profissionais e acadêmicos, Bhatia ressalta, por exemplo, os aspectos “táticos” da realização dos propósitos comunicativos: (1) os membros experientes de uma comunidade profissional frequentemente “combinam propósitos comunicativos socialmente reconhecidos com suas intenções particulares” (1997b, p. 637); e (2) usualmente, um gênero não serve a um único propósito comunicativo, e sim a um conjunto deles, sendo necessário que os escritores experientes “se assegurem de que os leitores pretendidos construam e interpretem esses propósitos da maneira que o escritor originalmente pretendia” (1999, p. 25). Conforme Bhatia (1999, p. 22), esses aspectos se verificam mais claramente nos gêneros profissionais, altamente dinâmicos, complexos e multifuncionais, ao contrário dos gêneros acadêmicos, caracterizados por contextos retóricos mais “previsíveis” e por uma audiência “única e específica”. Entretanto, não seria prudente exagerar essa “previsibilidade” e “audiência única” dos gêneros acadêmicos.

O propósito comunicativo realizado pelos gêneros, juntamente com convenções retóricas e contextos compartilhados, por um lado, e traços léxico-gramaticais e discursivos exibidos, por outro, são as características que permitem delinear o que Bhatia (1997a, 2001, 2004) chama de *colônias de gêneros*, referindo-se a agrupamentos de gêneros mais ou menos ligados em termos do domínio discursivo a que pertencem. Entre os exemplos do autor estão os gêneros promocionais, acadêmicos e introdutórios (BHATIA, 2001b, p. 280).

6 PROPÓSITO COMUNICATIVO: VERSATILIDADE E NÍVEIS DE ANÁLISE

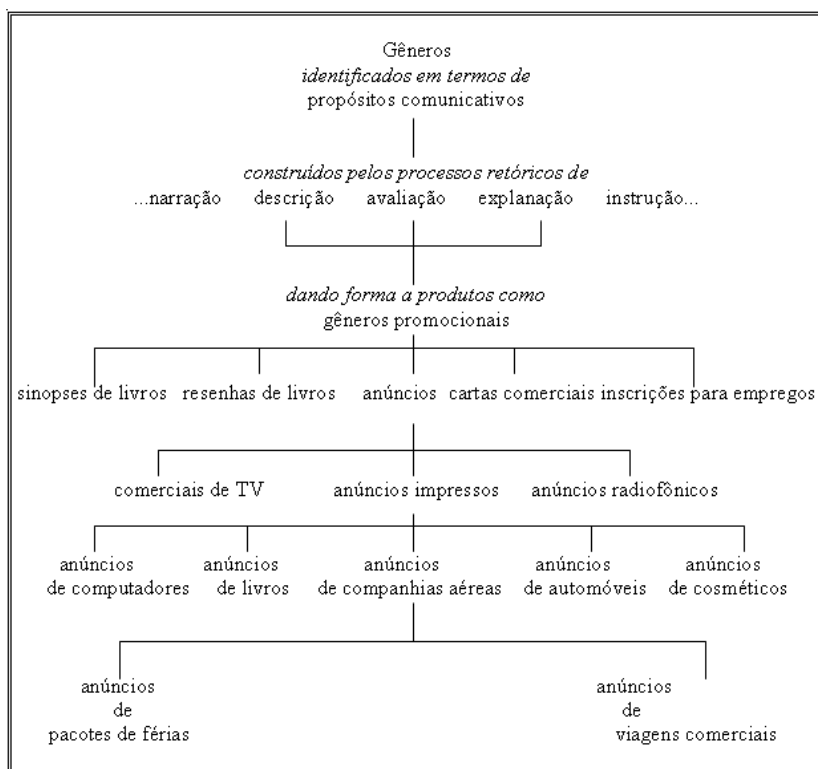
Bhatia (1997b, p. 633) esclarece que “embora os gêneros sejam essencialmente identificados em termos dos propósitos comunicativos que tendem a servir, esses propósitos comunicativos podem ser caracterizados em diversos níveis de generalização”. O propósito

comunicativo se torna, então, uma noção dinâmica e versátil por excelência. Conforme ilustra a Figura 4, “Níveis de descrição genérica”, em um nível mais elevado de análise, o “discurso promocional” se apresenta na forma de uma colônia ou “constelação” de vários gêneros intimamente relacionados, tais como *sinopses*, *resenhas*, *cartas comerciais* e *anúncios*, entre outros. A relação íntima de que fala o autor, entre gêneros à primeira vista bastante diferentes, verifica-se precisamente em torno da noção de propósito comunicativo.

Em um nível mais específico de análise, pode-se tomar um dos gêneros acima referidos e destacar as diferenças existentes em suas formas particulares de realização. O anúncio, por exemplo, continua Bhatia, pode se apresentar na forma de comerciais de televisão, anúncios de jornal ou anúncios radiofônicos. As diferenças entre essas formas de realização se manifestam mais no tocante ao meio, canal ou suporte do que em relação com o propósito comunicativo (BHATIA, 1997b, p. 633). A análise desses gêneros poderia ser levada a um nível mais específico ainda, considerando, por exemplo, o produto ou serviço que está sendo promovido. Neste caso, poderíamos analisar anúncios impressos (referência ao suporte) de computadores, livros, companhias aéreas, automóveis ou cosméticos (referência ao produto ou serviço). Apesar dessas variações, essa colônia de gêneros ainda poderia ser identificada e relacionada por meio do mesmo conjunto de propósitos comunicativos aos quais os gêneros específicos estão ligados.

Portanto, de acordo com Bhatia (1997b), o conceito de propósito comunicativo, por sua versatilidade, atende a um considerável leque de variações entre gêneros relacionados e também dá conta da variação mais específica nas diferentes formas de realização de um gênero em particular. Desta forma, a variação na realização concreta dos gêneros só se tornaria distintiva ali onde ela estivesse indicando uma modificação substancial nos propósitos comunicativos. Ou seja, temos aqui o propósito comunicativo como critério de identificação dos gêneros específicos.

Figura 4 – Níveis de descrição genérica:



Fonte: Bhatia (1997b, p. 632).

De particular interesse metodológico é o alerta de Bhatia de que, ao chegarmos a um nível de análise mais específico, o propósito comunicativo igualmente deverá ser definido de forma suficientemente específica. Uma definição de propósitos comunicativos apriorística e demasiadamente generalizante será muito pouco produtiva para fins de análise.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de propósito comunicativo continua a se constituir em um critério útil para o estudo dos gêneros, devendo ser tomado o cuidado de não se atribuir rótulos aos gêneros a partir de uma definição apriorística dos propósitos. Além disso, compreende-se que seria pouco produtiva a atribuição de propósitos comunicativos em um nível de análise demasiadamente geral, o que poderia levar a uma falsa identificação de gêneros diferentes, mas pertencentes a um mesmo domínio ou esfera discursiva, como se fossem a mesma coisa. O conceito de propósito comunicativo terá uma relevância muito maior se for definido da forma a mais específica possível, devendo a definição ser diretamente orientada para o gênero sob análise.

Da mesma forma, também não se deverá tomar o propósito comunicativo como a “intenção” do autor ou escritor. Não se trata de intencionalidade, pois o estabelecimento do propósito comunicativo não é jamais uma questão individual, e sim social. Os propósitos comunicativos, bem como a própria constituição e uso dos gêneros, são estabelecidos em meio a práticas sociais específicas, variáveis de acordo com contextos culturais definidos. Essencialmente, concordamos com Askehave e Nielsen quando dizem que o propósito comunicativo de um gênero não pode ser determinado pelo exame do texto isoladamente, pois “se quisermos compreender o que as pessoas estão fazendo através de um texto em particular, temos de nos voltar para o contexto... em que o texto está sendo usado” (2004, p. 4).

Como se percebe, mesmo levando-se em conta as variadas discussões sobre o assunto, o propósito comunicativo permanece potencialmente como um “conceito-chave” para a análise de gêneros (ASKEHAVE e SWALES, 2001, p. 200). Não resta dúvida de que, conforme muito bem expressa Araújo (2006, p. 83), “a categoria *propósito comunicativo*... já é uma espécie de ‘patrimônio teórico’ da emergente área da Análise de Gêneros... e ainda se mostra como um critério relativamente seguro para atestar a funcionalidade social de um gênero do discurso”. Os propósitos comunicativos mantêm uma importância

fundamental nas investigações sobre gêneros textuais, realçando as funções sociais dos gêneros, sejam eles praticados em modelos tradicionais ou em processo de transmutação, emergindo em suportes já conhecidos ou em (multi)meios propiciados pelo incremento de novas tecnologias.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, J. C. **Os chats**: uma constelação de gêneros na Internet. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.
- ASKEHAVE, I.; NIELSEN, A. E. Web-mediated genres: a challenge to traditional genre theory. **Working Papers**, n. 6, p. 1-50, 2004.
- ASKEHAVE, I.; SWALES, J. M. Genre identification and communicative purpose: a problem and a possible solution. **Applied Linguistics**, v. 22, n. 2, p. 195-212, 2001.
- BEZERRA, B. G. **Gêneros introdutórios em livros acadêmicos**. 2006. 256 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.
- BHATIA, V. K. **Worlds of written discourse**: a genre-based view. London: Continuum, 2004.
- _____. Applied genre analysis: analytical advances and pedagogical procedures. In: JOHNS, Ann M (Ed.). **Genre in the classroom**: multiple perspectives. Mahwah, NJ: LEA, 2001. p. 279-283.
- _____. Integrating products, processes, purposes and participants in professional writing. In: CANDLIN, C. N., HYLAND, K. (Eds.) **Writing**: texts, processes and practices. London: Longman, 1999. p. 21-39.
- _____. Genre-mixing in academic introductions. **English for Specific Purposes**, v. 16, n. 3, p. 181-195, 1997a.
- _____. Genre analysis today. **Revue Belge de Philologie et d'Histoire**, v. 75, n. 3, pp. 629-652, 1997b.
- _____. **Analysing genre**: language use in professional settings. London: Longman, 1993.
- BIASI-RODRIGUES, B. O papel do propósito comunicativo na análise de gêneros: diferentes versões. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS (SIGET), 4., Tubarão, SC. **Anais...** Tubarão/SC: UNISUL, 2007. p. 729-742.

KAY, H.; DUDLEY-EVANS, T. Genre: what teachers think. **ELT Journal**, Oxford, v. 52, n. 4, p. 308-314, out. 1998.

MARTIN, J. R. Language, register, and genre. In: CHRISTIE, F. (ed.) **Children writing**: reader. Geelong, Australia: Deakin University Press, 1984.

MILLER, C. Genre as social action. **Quarterly journal of speech**, v. 70, pp. 151-167, 1984.

SWALES, J. M. **Research genres**: explorations and applications. New York: Cambridge University Press, 2004.

_____. **Genre analysis**: English in academic and researching settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

Recebido em 08/08/11. Aprovado em 11/04/12.

Title: Communicative purpose in genre analysis

Author: Bernardete Biasi-Rodrigues; Benedito Gomes Bezerra

Abstract: Based on the genre theory known as the British School, or the socio-rhetorical approach, this paper aims to discuss the concept of communicative purpose, viewed as an important criterion for genre study. The discussion focuses on the definition of communicative purpose as presented by Swales (1990) and later reviewed by Askehave and Swales (2001) and Swales (2004), who discusses the use of purpose not as a criterion for the immediate identification of genre, but, according to an analysis grounded on the social settings, as a resulting discovery of the process of analysis itself. Viewing communicative purpose this way, one seeks to establish safe procedures for the recognition of the status of a genre at the end of the research, while maintaining the relevance of the concept as a criterion of analysis.

Keywords: Genre. Communicative purpose. Genre analysis.

Título: Propósito comunicativo en análisis de géneros

Autor: Bernardete Biasi-Rodrigues; Benedito Gomes Bezerra

Resumen: Con base en la teoría de géneros conocida como Escuela Británica o abordaje sociorretórico, el objetivo de este trabajo es discutir el concepto de propósito comunicativo, visto como criterio relevante para el estudio de los géneros. La discusión se concentra en la definición de propósito comunicativo conforme presentada por Swales (1990) y posteriormente revisada por Askehave y Swales (2001) y Swales (2004), en que se discute el uso del propósito no como criterio inmediato para la identificación del género, mas, en función de un análisis fundamentado en el entorno social, como descubrimiento resultante del propio proceso de análisis. Encarando el propósito comunicativo de esta forma, se busca establecer procedimientos seguros para el reconocimiento del status del género al final de la investigación, sin dejar de mantener la relevancia del concepto como criterio de análisis.

Palabras-clave: Género. Propósito comunicativo. Análisis de géneros.